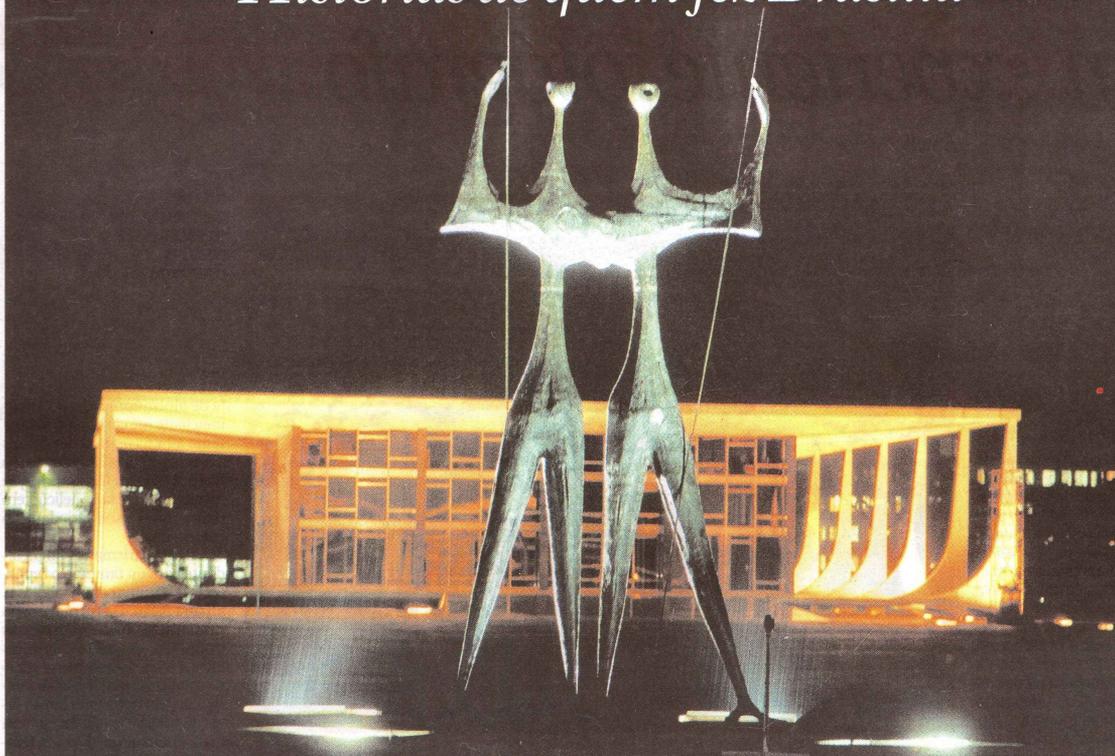


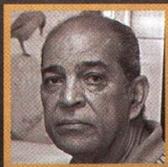
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

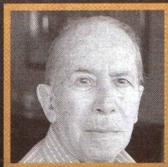


A vida no início de Brasília era difícil. Fora a poeira, que não deixava ninguém limpo, não havia infra-estrutura urbana. Mas nada foi capaz de desanimar os primeiros construtores e moradores da cidade. Ao contrário, as dificuldades criaram laços indissolúveis com a nova capital. A lembrança dos que aqui viviam até 1963 pode ser relembrada semanalmente na série *Pioneiros* — *Histórias de quem fez Brasília*.

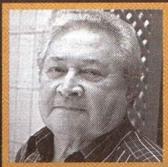
Adão Leal
Nascimento



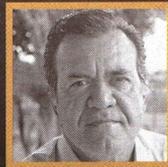
Ary Pinheiro
Moreira



Geraldo
Campos



Nisio Tostes
Ribeiro



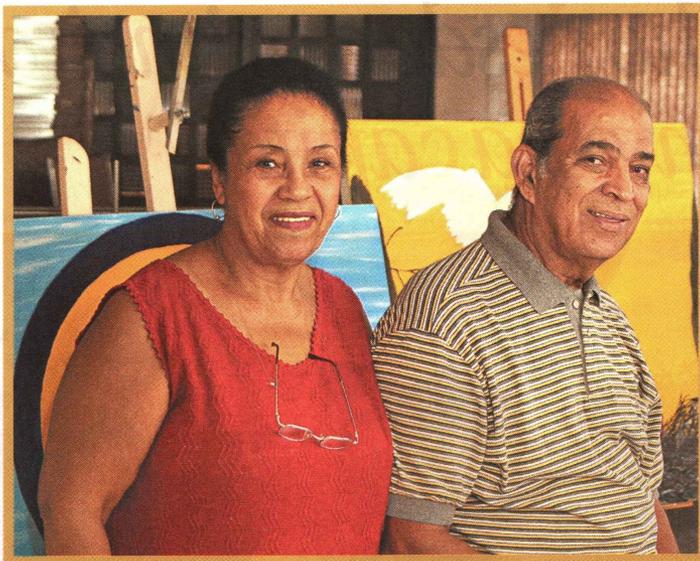
Teresa
Rollemberg



PIONEIROS

Repórter-fotográfico no Rio, Adão foi enviado a Brasília pelos Diários Associados para compor a primeira equipe do **Correio Braziliense**. Aqui retratou os principais fatos da República

ADÃO COM A
COMPANHEIRA DE
TODOS OS
MOMENTOS NA
VIDA EM BRASÍLIA



com senadores e até presidentes sem qualquer problema.”

Adão do Nascimento também conheceu de perto os Collor de Mello. “Eu conheci o ex-presidente Collor quando ele tinha apenas dez anos de idade e o pai dele era senador da República.” O fotógrafo também o acompanhou diversas vezes em suas viagens.

Moradia

A segurança e a tranquilidade na cidade impressionavam o cangango. Adão lembra que, dias depois da inauguração, desabou uma chuva torrencial quando estava a caminho da redação do **Correio Braziliense** à noite. Por conta disso, teve de buscar abrigo num apartamento na 304 Sul. Como os moradores daqui praticamente dormiam de portas abertas, ele e o colega entraram tranquilamente e, depois de encontrar duas camas vazias, no meio de uma fila de gente dormindo, não pensaram duas vezes. “A falta de moradia na cidade obrigava as pessoas a dormirem aos montes num único apartamento.” No outro dia, antes de os moradores acordarem, eles ainda foram à cozinha para filar umas frutas. Violência, quase não existia. O repórter sempre percorria os distritos policiais em busca da notícia, mas não havia nenhuma ocorrência. “Nessa época não havia furtos ou assaltos. Era uma tranquilidade só.”

O funcionário do Correio se hospedava lá mesmo no jornal, num acampamento improvisado pelos jornalistas nos fundos do prédio. Lá, dormiam dezenas de repórteres. Seis meses depois, o jornal acabou emprestando um apartamento na 406 Sul para

“**PARA A INEJEJA DE MEUS COLEGAS DO RIO, AQUI A GENTE TINHA ACESSO A TUDO QUANTO ERA LUGAR, FALÁVAMOS COM SENADORES E ATÉ PRESIDENTES SEM QUALQUER PROBLEMA**”

Adão. “A falta de moradia para jornalistas na cidade era muito grande porque não éramos funcionários do governo.”

O pioneiro, antes de vir para Brasília, trabalhou na revista *Manchete*. Aliás, foi lá que ele conheceu “por meio de fotos” a nova capital. Adão Nascimento, depois de deixar o **Correio Braziliense**, em novembro de 1960, foi para o *DC-Brasília* (*Diário Carioca* de Brasília). Ele conta que as matérias eram feitas aqui e enviadas diariamente para o Rio, via aérea, para a impressão. No outro dia bem cedo, o jornal já estava circulando pelas ruas da capital. “Para chegar a tempo, o encarregado corria até o aeroporto e lançava as matérias pela janela do avião. Era tudo feito às pressas”, lembra.

Fotógrafo desde os doze anos de idade, Adão trabalhou para grandes jornais do país, entre eles, o *O Jornal*, *Jornal dos Sports*,

Estado de S. Paulo, *Jornal da Tarde* e para a Radiobrás, onde trabalha até hoje. Adão viajou o mundo inteiro — foram mais de 35 países, acompanhando as comitivas presidenciais desde o governo Juscelino Kubitschek. Além disso, passou por quase todas as editorias, do Esporte à Política.

A mudança para Brasília foi uma oportunidade única para ele. “Meus colegas do Rio ficaram parados no tempo”, afirma. O jornalismo na nova capital lhe rendeu, além de viagens, muitas homenagens. Adão recebeu a Medalha do Mérito Jornalístico Assis Chateaubriand, concedida pelo **Correio Braziliense**, Medalha de Prata, da Organização Internacional dos Jornalistas, num concurso realizado em Bagdá — concorreram mais de 650 fotojornalistas — e o segundo lugar na Exposição Comemorativa aos 750 anos da cidade de Berlim Oriental.

Raio X

Nome:

Adão Leal do Nascimento

Idade:
68 anos

Origem:
Rio de Janeiro

Ano de chegada a Brasília:
1960

Profissão:
Repórter-fotográfico

Estado civil:
Casado

Esposa:
Edir Castro do Nascimento

Filhos:
Denise, Deise, Dilene, Edilson, Delaine, Michele e Maria Aparecida

Netos:
Isabel Cristina, Beatriz, Filipe, Bruno, Priscila, Fernanda, Bárbara, Gisele, Júlia, Letícia e Marcos Vinícius

Algumas exposições fotográficas:

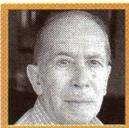
O Brasil em Três Tempos (Brasília, Porto Seguro e Ouro Preto); Brasília Jubileu de Prata; Cerrado - Fauna e Flora; Xingu; Cerrado em Primavera; Os Caminhos de Tiradentes; RDA - 40 anos (República Democrática Alemã) e A Capital e o Pantanal.

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavacatti, Stela M'aris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do **Correio Braziliense** Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Cangangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados





Ary Pinheiro Moreira

Trabalho desde o primeiro momento na capital

Arquivo pessoal

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Muitas pessoas haviam deixado a cidade de Alvinópolis (MG) em direção ao local onde seria inaugurado o novo Distrito Federal. A construção de Brasília provocava o imaginário dos brasileiros que não temiam a aventura de trabalhar pelo desenvolvimento de uma cidade implantada no meio do Centro-Oeste. A região, naquela época, era pouco conhecida no restante do país.

Na cidade mineira, o dentista Ary Pinheiro Moreira, na época com 36 anos de idade, ocupava o cargo de diretor da escola Cândido Gomes, mas não estava satisfeito. Em janeiro de 1960, surgiu então a oportunidade de mudar o rumo de sua carreira. Um primo de sua esposa, Rita Carvalho Moreira, que trabalhava em Brasília desde 1958 como chefe de obras do acampamento da Construtora Rabelo, uma das mais importantes envolvidas no projeto de Juscelino Kubitschek, retornou a Alvinópolis para visitar os familiares.

Paulo Linhares, como se chamava, contava maravilhas sobre a futura capital. Dizia que aqui não faltava serviço, que era bom para ganhar dinheiro e só desistia de trabalhar em Brasília quem fosse tolo. Comentava ainda que o dentista do acampamento da Rabelo estava causando problemas e deixaria o acampamento

da construtora. Em julho de 1960, seguindo a indicação do primo de Rita, Moreira decidiu conhecer o Distrito Federal, há pouco tempo inaugurado.

Pequena cidade

A infra-estrutura do acampamento da Rabelo era impressionante. Na porta, todos eram identificados e só entravam no local com permissão. Dentro, além dos alojamentos, um lado para solteiros e outro lado para famílias, havia farmácia, escola primária, dois clubes, armazém, igreja e cinema. Localizado atrás da Praça dos Três Poderes, o

acampamento funcionava como uma pequena cidade, com cerca de 5 mil empregados.

Logo na chegada, ao se identificar como dentista, Moreira foi acometido por um grande número de funcionários da empreiteira que pediam para ser tratados. Era impossível negar o atendimento num local onde profissionais de saúde eram raros. A recepção inesperada não assustou Moreira. Ao contrário disso, animou-o ainda mais.

O consultório do dentista era precário, mas serviria durante algum tempo. Moreira não precisou refletir nem voltar a Alvinópolis

para comunicar à família. "Rita me apoiava em tudo", conta. Dessa forma, começou a trabalhar no dia seguinte e mandou o comunicado à família para organizar tudo para a mudança. "Não me assustei porque também acreditava no sonho de JK", conta Rita. "Além disso, já tinha recebido seis telegramas de amigos e parentes que estavam aqui chamando-nos para cá", revela.

A casa da família de Moreira ficaria ao lado do novo consultório, que a Rabelo passou a construir imediatamente. Enquanto a pequena obra não terminava, o dentista ficou instalado na casa do

cunhado, José Francisco Solano, que trabalhava como carpinteiro no acampamento. O antigo consultório foi derrubado.

Três meses depois, no dia 11 de outubro, Rita, os quatro filhos do casal, o pai e duas irmãs vieram para Brasília. Ela estranhou tudo. Mesmo já inaugurada, a cidade ainda era um cantiço de obras. A Asa Sul estava incompleta. A Esplanada ainda não tinha todos os Ministérios e



ARY COM OS DOIS FILHOS EM PASSEIO NO PALÁCIO DA ALVORADA

PIONEIROS

O pioneiro soube por um primo da esposa de uma vaga de dentista na Construtora Rabelo. Não hesitou: veio para a nova capital e ficou

COM A FAMÍLIA, APROVEITANDO A CIDADE QUE ESCOLHEU PARA VIVER

Arquivo pessoal



a Asa Norte estava toda por construir. O Lago Paranoá era um córrego estreito. "O acampamento era muito organizado e tinha tudo o que precisávamos", diz. "Mas achava engraçado algumas coisas, como o fato de tudo ser feito em filas separadas para homens e mulheres", conta.

A mudança da família valeu a pena do ponto de vista financeiro. Moreira passou a receber o dobro do que ganhava em Alvinópolis. Mas o dinheiro era proporcional à carga de trabalho. Para dar conta do número de clientes, o dentista trabalhava das 7 da manhã às 10 da noite. Encerrado o expediente, continuava trabalhando em casa na montagem de dentaduras, pontes etc. Para assumir o posto na Rabelo, o consultório teve de ser adquirido. O pagamento era feito mensalmente à construtora.

A nota dos serviços era debitada no pagamento dos funcionários. Se, porventura, um funcionário fosse demitido ou, por qualquer motivo, se desligasse do acampamento, o dentista era informado para verificar se algum serviço ainda sem pagamento havia sido feito para aquela pessoa.

Feiras

Rita lembra que nem todas as compras podiam ser feitas no armazém da construtora. O pão, por exemplo, era entregue na porta de casa. A Padaria ficava perto do Iate Clube. "O padeiro passava muito cedo nas casas, então eu deixava uma sacola na varanda e ele já sabia o número de pães que queríamos", recorda. "Fazia isso duas vezes por dia", completa.

A região próxima ao acampamento era muito movimentada,

diferente de hoje. Vários acampamentos ficavam ali, das construtoras Pederneiras, EBE, DFL, Ecisa e Nacional. Por conta disso, havia duas feiras, uma na Vila Planalto e outra na Vila Amauri (que foi inundada quando o Lago Paranoá encheu), onde vendiam-se roupas, alimentos e frutas. Davam para ir a pé do acampamento da Rabelo. Mesmo assim, a Rabelo providenciava duas idas semanais à Cidade Livre para seus funcionários. Durante a semana, iam as mulheres, e nos finais de semana, os homens.

A poeira no acampamento era a única coisa que incomodava Rita, que se encarregava dos afazeres domésticos. "Tinha que colocar as roupas para secar à noite para não sujá-las de novo e pendurá-las com quatro pregadores cada", diz. "A Rabelo molhava a terra todos os dias, mas a poeira e o vento eram intensos", conclui.

Moreira e a família viveram no acampamento da Rabelo por nove anos. Só mudaram quando correu o boato de que ele seria desativado, em 1969. Antes disso, entretanto, Moreira passou a trabalhar em outro

consultório, fora da Rabelo. "Tinha muitos clientes de outros acampamentos e um deles me informou que a gráfica do Senado ia contratar dentista", conta. O amigo chamava-se Júlio Gerke e era engenheiro da gráfica, sabia do fato porque estava responsável pela montagem do consultório.

Antes mesmo de o consultório ser inaugurado, Moreira dirigiu-se à gráfica e terminou conquistando vários clientes dali, que iam se consultar na Rabelo. "Fazia a consulta e o orçamento do serviço nos corredores da gráfica", recorda. "Sentava o paciente em uma cadeira comum, encostava sua cabeça na parede e verificava o problema", completa. Em 1964, quando o consultório ficou pronto, o dentista terminou sendo admitido. Algum tempo depois, terminou passando a dentista do Senado devido ao grande número de pessoas que se deslocavam dali até a gráfica para serem atendidas.

O acampamento

A notícia de que todos deveriam deixar o acampamento da

Rabelo em 1970 fez com que Moreira se apressasse em procurar outro local de moradia. A primeira intenção da família era mudar-se para Taguatinga, onde havia casas espaçosas a preços mais baratos que no Plano Piloto. Mas a estrada que ligava Brasília à cidade, hoje EPTG, era uma pista de mão dupla, onde aconteciam muitos acidentes de trânsito.

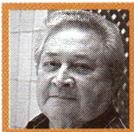
Cientes de um apartamento à venda na 406 Sul, a família mineira decidiu então morar pela primeira vez em um apartamento. "Sentimos muito deixar nossa casa no acampamento da Rabelo", diz Rita, em coro com a filha, Ana Maria Moreira de Freitas. "Tínhamos muitas amizades na Rabelo e tudo era motivo de confraternização no acampamento, festas juninas, festas na igreja, vivíamos como uma grande família de pioneiros", afirma Ana Maria.

Até hoje, as famílias que vivem no acampamento da Rabelo encontram-se uma vez por ano para relembrar os tempos que viveram nos alojamentos da construtora.

“ FAZIA A CONSULTA E O ORÇAMENTO DO SERVIÇO NOS CORREDORES DA GRÁFICA. SENTAVA O PACIENTE EM UMA CADEIRA COMUM, ENCOSTAVA SUA CABEÇA NA PAREDE E VERIFICAVA O PROBLEMA ”

Raio X

Nome: Ary Pinheiro Moreira
Idade: 80 anos
Origem: Alvinópolis, Minas Gerais
Profissão: Dentista
Ano de chegada a Brasília: 1960
Esposa: Rita Carvalho Moreira
Filhos: Manoel Carlos Carvalho Moreira, Paulo César Carvalho Moreira, Ana Maria Moreira de Freitas e Maria Valéria Carvalho Moreira
Netos: Ariana, Fausto, Anaceli, André, Anabele, Rogério, Ary Neto, Daniella, Pedro Henrique e Ana Paula
Bisneto: Guilherme



Geraldo Campos

As distâncias, a poeira e o pioneiro, que chegou

Uma liderança ascendente na cidade que se formava

Reprodução do livro *A Epopeia da Construção de Brasília*

VINÍCIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

O desejo de Maria de Lourdes Campos era simplesmente o de ter sua primeira filha perto da mãe, na cidade de Goiânia. Por isso, quando ela e o marido Geraldo Campos saíram do Rio de Janeiro, não imaginavam que estavam era trocando a Cidade Maravilhosa por Brasília. A vinda para cá foi acertada, em outubro de 1958, depois de um convite do assessor de Bernardo Sayão, Walter Valadares. “Ele me garantiu — e depois eu pude comprovar — que havia emprego para todos que estivessem dispostos a trabalhar na nova capital”, afirma Geraldo.

Assim que a família chegou a Brasília, marido e mulher foram trabalhar na Novacap. Ele, na sede da Cidade Livre, no setor de Agricultura, e ela na representação que ficava na Esplanada dos Ministérios, local ainda em construção, vale ressaltar. “Lembro até hoje da quantidade de poeira que vimos quando chegamos aqui. Além disso, me impressionei porque não havia asfalto em praticamente nenhuma avenida do Plano Piloto”, conta Geraldo. A primeira moradia do pioneiro aqui foi na casa de uma cunhada, que estava na cidade há pouco tempo. Mas, apesar do pouco tempo na capital, já havia conse-



guido uma das casas da Fundação da Casa Popular, na W3 Sul.

A falta de uma casa própria angustiava demais o jovem casal, que precisava de um estímulo para não voltar para o Rio de Janeiro. “Pouco mais de um mês depois, conseguimos uma casa na 713 Sul. Aí minha vida em Brasília melhorou e eu acabei mais animado e gostando da cidade”, conta Geraldo, que mora na mesma casa até hoje. Outro estímulo foi a

vinda da mãe e de outros irmãos de Maria de Lourdes para Brasília. “As pessoas eram amigas umas das outras, mas o apoio da família era importante para superarmos as dificuldades daquela época”, afirma. Até para trabalhar tinha que ter disposição, pois a falta de uma estrada asfaltada e a distância que separava o Plano Piloto da Cidade Livre dificultavam as coisas. “O jeito era ir de carona na carroceria de caminhões que pas-

savam. Estendíamos a mão como se fôssemos tomar um ônibus e embarcávamos”, lembra o pioneiro. Para a esposa, era mais fácil, pois para a Esplanada tinha condução da própria empresa.

Embora o ritmo das obras fosse intenso e muita coisa estivesse sendo construída ao mesmo tempo, havia quem não acreditasse que Brasília seria realmente inaugurada na data prevista. Era o caso de Geraldo. “No início

DEPOIS DE ALGUM TEMPO, AS VIAGENS PARA GOIÂNIA FORAM FACILITADAS PELO APARECIMENTO DAS JARDINEIRAS

desconfiei, mas com tantas obras iniciadas ao mesmo tempo e com trabalho sem parar, fui acreditando cada vez mais no cumprimento do prazo”, afirma Geraldo. O pioneiro aponta uma curiosidade na construção de Brasília

as dificuldades cotidianas não foram suficientes para amedrontar
a Brasília com a esposa em 1958 para trabalhar na Novacap

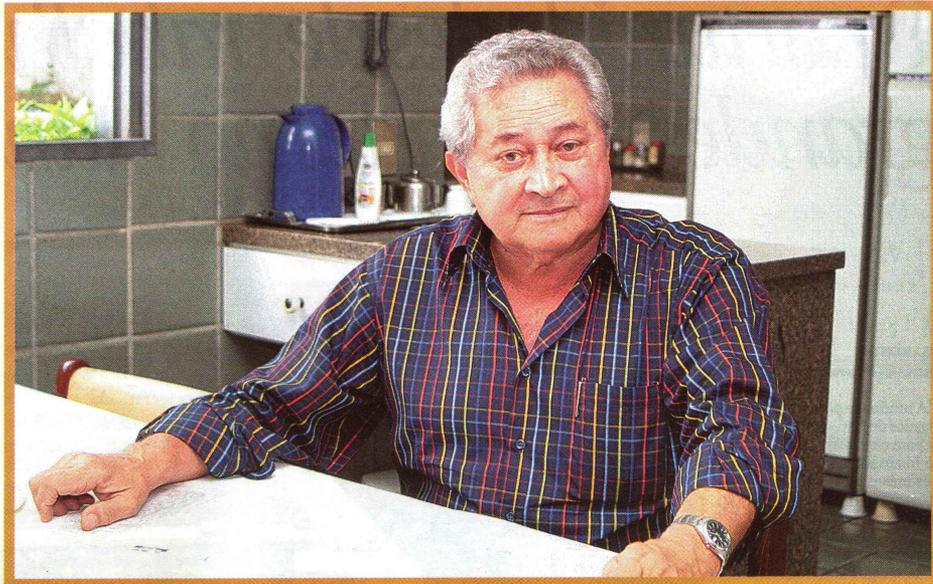
MESMO AFASTADO DOS CARGOS ELETIVOS, GERALDO É INCANSÁVEL NA DEFESA DA CIDADE QUE ESCOLHEU PARA VIVER

que chamou a atenção dele. “Quando uma cidade é construída, ela já vem com alguns valores trazidos pelos construtores. Mas Brasília tem uma importância sociológica muito grande exatamente por não ter esses valores definidos porque veio gente de todas as regiões brasileiras para a construção”, enaltece, com uma ponta de orgulho.

Veia política

No primeiro carnaval de Geraldo Campos na cidade, em 1959, a veia política desse sergipano envolvido com militância desde os 17 anos aflorou. Geraldo conta que o acampamento da construtora Pacheco Fernandes não liberou seus funcionários e eles resolveram fazer greve. A Guarda Especial de Brasília (GEB) foi acionada e, segundo o pioneiro, houve um “massacre”. Geraldo foi um dos encarregados da Novacap pela apuração no dia seguinte e desde então passou a ser visto pelos trabalhadores como uma liderança. “Ouvi depoimentos de pessoas e escrevi em telegramas que tiveram que ser passados para a imprensa e para o Rio de Janeiro via Goiânia”, lembra. Assim, Brasília acabava de ganhar um político atuante nas causas trabalhistas.

Para começar a carreira com o pé direito, Geraldo Campos venceu a primeira eleição que disputou na recém-inaugurada capital: a da presidência da Associação dos Trabalhadores da Novacap, onde ficou por quatro anos e liderou uma das primeiras greves vistas na cidade. Um dos primeiros atos do então presidente foi também um dos que mais encheu Geraldo de orgulho. Era 12



de outubro de 1960, data do último aniversário que Juscelino Kubitschek passaria na presidência da República, e Geraldo foi o encarregado de ler um discurso de agradecimento ao presidente.

“Foi realmente emocionante para mim porque Juscelino era uma pessoa brilhante. Meu discurso começava dizendo que o aniversário era dele, mas o presente era nosso”, lembra Geraldo, que guarda até hoje o exemplar do *Jornal DC—Brasília* — uma espécie de filial do *Diário Carioca* na capital, trazendo uma foto e uma reportagem sobre a homenagem. O presente a que o pioneiro se referia, além de Brasília propriamente dita, era o direito de comprar as casas da fundação. “Além disso, o medo de perdermos o emprego com a inauguração era muito grande e, naquele dia, Juscelino nos deu a estabilidade de que precisávamos”, lembra Geraldo, que também esteve à frente da comissão que conseguiu do presidente

“**LEMBRO ATÉ HOJE DA QUANTIDADE DE POEIRA QUE VIMOS QUANDO CHEGAMOS AQUI. ALÉM DISSO, ME IMPRESSIONEI PORQUE NÃO HAVIA ASFALTO EM PRATICAMENTE NENHUMA AVENIDA DO PLANO PILOTO**”

João Goulart a equiparação dos funcionários da Novacap com os servidores públicos.

Com a instalação do regime militar, Geraldo foi preso algumas vezes, mas isso não o desanimava. Tanto que em 1987, com a volta da democracia ao país, Geraldo foi o quarto deputado mais votado entre os oito eleitos pelo Distrito Federal para fazer parte da Assembléia Constituinte. “Na Câmara continuei defendendo o trabalhador e fui o relator do Regime Jurídico Único (RJU), que regeu os funcionários públicos por muito tempo”, orgulha-se o atual presidente de honra do PSDB local. Depois disso, o último ato político de Geraldo foi concorrer como vice na chapa de Maurício Correia nas primeiras eleições diretas para governador do Distrito Federal. Agora, Geraldo está afastado dos cargos eletivos, mas não se cansa de lutar pelo bem-estar da cidade. “Brasília é a cidade que escolhi para viver”, finaliza.

Raio X

Nome: Geraldo Campos
Idade: 78 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Advogado
Esposa: Maria de Lourdes (falecida)
Filha: Vivian
Neto: Pedro

PIONEIROS



Nisio Edmundo Tostes Ribeiro

Oportunidades de trabalho e grandes amizades no Planalto

Reprodução do livro *A Epopeia da Construção de Brasília*

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A mudança para Brasília, em meados de 1961, não foi nada fácil para o mineiro Nisio Edmundo Tostes Ribeiro. “Os primeiros três meses foram difíceis de se acostumar, me deu vontade de voltar correndo para Belo Horizonte”, lembra o funcionário do Banco de Brasília — subsidiário do antigo Banco Nacional.

A poeira e a falta de transporte na cidade quase levaram de volta o gerente de banco mais novo que o país já teve. Aos vinte anos, Nisio já recebia e auxiliava os empresários da nova capital na abertura de suas contas e lidava com a folha de pagamento dos professores. “A cidade era uma poeira só. Ninguém conseguia ficar de terno limpo mais de oito horas por dia devido à poeira”. O “branco-encardido” das roupas ditava a moda no cerrado.

A desilusão ele foi perdendo aos poucos e, como ele mesmo afirmava, “a partir do terceiro mês você se apaixonava pela cidade”. Em pouco tempo, o bancário se acostumara ao novo estilo de vida. O primeiro endereço de Nisio Tostes foi na casa do comerciante Aluísio Paiva, representante dos veículos Simca, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), com quem morou mais de um ano.

No ano seguinte, com a criação da Fundação da Casa Popular, o pioneiro se mudou para um outro endereço. A mudança para a



quadra 33 não trouxe o conforto desejado, mas novas companhias para o pioneiro. Foi ao lado do então advogado Paulo Sepúlveda Pertence, do desembargador Luiz Cláudio de Almeida Abreu e de mais dois gerentes do banco que ele morou em uma república. “O apartamento tinha três quartos, sala, cozinha e banheiro”, conta Nisio Tostes. Como não tinham dinheiro para a compra de alguns móveis, o jeito era improvisar. “Nós sentávamos nos caixotes de manzanas. Aquelas caixas

de maçãs importadas da Argentina”. Bem diferente das “lâminas” — quadra dos funcionários do Banco do Brasil, que mais parecia uma cidade —, onde os funcionários podiam desfrutar de lavanderias, cinema, boate e armazéns.

O candango não esquece do ritmo alucinante da cidade do início da década de 60. “Não havia desemprego, as pessoas chegavam às carradas. A W3 Sul estava começando. A L2 tinha apenas uma via e a Asa Norte era só ma-

to. E a Esplanada? A Esplanada só tinha alguns ministérios.”

Segundo o integrante do Diretório Nacional do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Jânio Quadros tentou várias vezes a transferência da Cidade Livre para a Asa Norte, como forma de alavancar o comércio no local, mas não conseguiu.

Fatos inusitados

Da agência onde trabalhava na 504 Sul, o fundador do MDB de Brasília presenciou cenas inusi-

QUANDO CHEGOU A BRASÍLIA, EM 1961, A ESPLANADA AINDA ESTAVA EM OBRAS

tadas de uma cidade que dava seus primeiros passos. A visita de Juscelino ao Mocambo — restaurante onde o pioneiro costumava parar para apreciar um bom cafezinho — e a chuva de

PIONEIROS

A má impressão dos primeiros meses de vida na nova capital foi rapidamente substituída pelo grande amor que o pioneiro nutre pela cidade até hoje

Arquivo Pessoal



NISIO TEM ENORME SATISFAÇÃO EM REUNIR A FAMÍLIA E OS AMIGOS

granizo que cobriu a cidade de gelo estão gravadas em sua memória. "Aquilo foi inesquecível. Brasília jamais tinha visto coisa parecida. A camada de gelo de mais de 20 cm de altura deixou a cidade branquinha."

O presídio da nova capital foi improvisado no subsolo onde seria construída a Torre de TV. "A empresa responsável pela construção da torre demorou muito com as obras devido ao atraso da chegada das estruturas metálicas encomendadas de Volta Redonda", lembra. Enquanto isso, as fundações acabaram servindo como prisão. A única cadeia existente na cidade funcionava na Candangolândia, onde também ficavam o Corpo de Bombeiros e o Departamento de Trânsito.

A cidade crescia cada vez mais diante dos olhos deste pioneiro. Além do contato com professores, empresários e comerciantes, Nisio se orgulhava de administrar as prestações dos primeiros Simcas vendidos em Brasília. "Os principais clientes eram os taxistas, que depositavam as prestações ao final de cada jornada". Os primeiros talões de cheques personalizados da cidade também foram entregues pelo pioneiro.

Outras oportunidades de trabalho foram surgindo e a vontade de querer realizar sempre mais por Brasília fez com que Nisio deixasse o banco para assumir o gabinete do prefeito Ivo Magalhães. A posição política adotada durante a ditadura — ele era contra a revolução — levou à sua demissão do Governo do Distrito Federal.

Realização profissional

Aprovado no concurso do Senado Federal, Nisio permaneceu durante sete anos como chefe de Gabinete do senador Edmundo

Levy e quase uma década como chefe de gabinete do senador Luiz Cavalcanti.

Amigo de Ulisses Guimarães e Teotônio Vilela, Nisio também guarda boas lembranças de Juscelino Kubitschek de quando ele e pessoas mais ligadas ao presidente, como Afonso Heliodoro, coronel Nélio Cerqueira Gonçalves, Vera Brant, Carlos Murilo e Maurício Lemos, costumavam frequentar sua fazenda em Luziânia. "Ele tinha o ímpeto, a vontade e o pé no chão na crença de que o país seria um dia um grande líder mundial. Ele era uma pessoa extraordinária e estava sempre cercado de homens cultos, abnegados e competentes", declara o ex-presidente da Associação dos Servidores Aposentados e Pensionistas do Senado Federal. A emoção ao falar do presidente o faz lembrar certos *causos* da infância de Juscelino em Diamantina. "Era ele (JK) quem levava os bilhetinhos amorosos quando meus sogros namoravam". Casado com a também minei-

“ A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA SIGNIFICOU UM EXCELENTE PÓLO DE DESENVOLVIMENTO, AVANÇANDO 50 ANOS EM CINCO NO CONCEITO ECONÔMICO E POLÍTICO DA NAÇÃO ”

ra Rachel Moreira Tostes Ribeiro — eles se uniram em Belo Horizonte em 1965 —, o candanglo, frequentador do Brasília Palace Hotel e do Caraveli — restaurante na W3 —, também trabalhou como chefe-de-gabinete do senador Pedro Simom.

O sucesso profissional, segundo ele, se deve às oportunidades oferecidas aos milhares de trabalhadores. "Brasília deu oportunidades a centenas de milhares de brasileiros de atingirem o sonho de todo o ser humano: ter o necessário para viver sem esbanjamento, para galgar posições, para se aprimorar culturalmente, satisfazer os seus desejos comeditados de consumo e criar com dignidade sua família. Tínhamos a certeza de que isso aqui seria um pólo centralizador".

Para o pioneiro, a transferência da capital foi um grande passo para o desenvolvimento nacional. "A construção de Brasília significou um excelente pólo de desenvolvimento, avançando 50 anos em cinco no conceito econômico e político da Nação."

Raio X

Nome: Nisio Edmundo Tostes Ribeiro
Idade: 63 anos
Origem: Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1961
Profissão: Funcionário público (aposentado)
Estado civil: casado
Esposa: Rachel Moreira Tostes Ribeiro
Filhos: Nisio e Adriana
Netos: Pedro, André e Luiz Eduardo

PIONEIROS



Teresa Rollemberg

Lembranças dos bons tempos vividos na capital

Arquivo pessoal



TERESA COM OS FILHOS NO IATE CLUBE, EM 1961

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Teresa Rollemberg, 73 anos, lembra, na sala de seu apartamento da 206 Sul, o dia em que recebeu, no Rio de Janeiro, a planta de Brasília com os apartamentos que já estavam construídos para que a família escolhesse onde moraria na nova capital. "Nos debruçamos todos sobre o desenho para olhá-lo com cuidado", conta. Na época, final do ano de 1959, a família era composta por Teresa, o marido, Armando Rollemberg, e oito filhos, com idades entre 10 meses e 9 anos de idade.

A família Rollemberg tinha o privilégio de escolher onde morar no novo Distrito Federal porque Armando exercia, na oportunidade, o segundo mandato como deputado federal. A preferência, entre os parlamentares, era dada às maiores famílias. Mais um ponto para os Rollemberg, que ansiavam pelo dia da mudança. "Embora muitos criticassem a mudança da capital, Armando e eu sempre acreditamos no projeto de Juscelino Kubitschek", conta Teresa. "Armando dizia que a inauguração da cidade mudaria o país", completa.

O apartamento da 206 Sul foi escolhido em conformidade com o número de filhos do casal e alguns outros critérios. O andar tinha que ser baixo para não inco-

modar os vizinhos com os barulhos da criança, não precisar usar o elevador e não correr risco com as janelas. A posição deveria ser nascente porque o pediatra da família dizia ser mais saudável. Quanto à escola para as crianças, não era preciso se preocupar porque havia uma logo atrás do bloco, dentro da quadra.

Os apartamentos em Brasília não eram doados, eram vendidos por meio de um financiamento da Caixa Econômica Federal. Após alguns anos, entre-

tanto, o valor das parcelas mensais tornou-se tão irrisório que a Caixa antecipou a entrega das escrituras.

Deslubrimento

Escolhido o apartamento, Teresa e Armando vieram à nova capital conhecer a cidade e ver se realmente seria possível viver com uma família tão numerosa aqui. "Fiquei radiante com a viagem porque há muito tempo não tirava férias da vida doméstica", conta Teresa.

Do avião, as poucas luzes acesas no meio do cerrado fechado atiçavam a curiosidade da sergipana. O silêncio da primeira noite dormida no Brasília Palace Hotel foi aproveitado ao máximo. "Há muito tempo não descansava daquela forma", recorda Teresa. De manhã, o deslubrimento com a vista da janela do quarto do casal ficou marcado em sua memória. "O lago estava lindo e brilhante, o céu não tinha uma nuvem, e o Palácio da Alvorada parecia algo de outro mundo

construído ali, no meio de toda aquela beleza agreste", descreve. "Não agüentei e chamei Armando para olhar", completa.

Desde 1955 vivendo no Rio de Janeiro, Brasília significava para Teresa ter de volta sua liberdade. Na capital carioca, os filhos não podiam descer desacompanhados. Na Rua Toneleros, onde moravam, em Copacabana, havia acontecido o primeiro grande seqüestro noticiado no país. Não havia mais o que pensar, Brasília seria perfeita para o recomeço.

O casal retornou então à capital, já para o apartamento da 206 Sul, nas vésperas da inauguração, em abril de 1960. Junto com alguns amigos e parentes, ficaram acampados no imóvel, que só contava com algumas camas, providenciadas pelo Grupo de Trabalho de Brasília (GTB).

Mais tarde, o apartamento recebeu o restante da mobília: duas mesas de refeições, dois sofás, uma escrivaninha e algumas cadeiras avulsas. "Os móveis eram simples, e os parlamentares que tinham mais dinheiro terminaram substituindo-os", diz. "Nós não tínhamos muitos recursos e o salário de deputado, na época, dava a conta certa para manter a família com o básico, por isso, ficamos muitos anos com os móveis do GTB", conclui.

A mudança completa da família aconteceu em maio de 1960. No prédio da 206 Sul havia

PIONEIROS

Com oito filhos já nascidos, Teresa chegou a Brasília acompanhando o marido, Armando, que era deputado federal. Aqui, ampliou a família e fez da cidade seu lar

Arquivo pessoal



DA FAMÍLIA VEM GRANDE PARTE DA REALIZAÇÃO DE TERESA

poucos apartamentos ocupados, seis contando com o de Teresa. A chegada dela com as crianças aconteceu à noite. Sem iluminação na quadra, o motorista que os levava até lá providenciou uma vela. De manhã, todos acordaram cedo para ver a cidade. "As crianças adoraram a liberdade de Brasília", afirma Teresa.

Da janela do apartamento, mesmo sendo no primeiro andar do bloco, dava para ver o Lago Paranoá, pois a quadra 406 Sul ainda não estava construída por completo. Ao lado, o imenso campo aberto que sediará a maioria das brincadeiras e jogos infantis ainda não estava gramado. Atrás do prédio havia um acampamento de obras do Ipase. Cercado de tapumes, por vezes as crianças invadiam o canteiro para brincar escondido dos adultos.

Mudança de costumes

A única coisa que dificultava a vida de Teresa e qualquer outra mãe na cidade recém-inaugurada era a poeira. "Em poucos meses de uso, blusas e meias brancas já estavam encardidas", conta. Mas a distância entre Brasília

“**O LAGO ESTAVA LINDO E BRILHANTE, O CÉU NÃO TINHA UMA NUVEM, E O PALÁCIO DA ALVORADA PARECIA ALGO DE OUTRO MUNDO CONSTRUÍDO ALI, NO MEIO DE TODA AQUELA BELEZA AGRESTE**”

e qualquer outro lugar do país e a mistura de culturas daqui permitiam que hábitos e costumes fossem adequados às necessidades dos poucos habitantes que aqui estavam.

Durante uma reunião da escola, por exemplo, Teresa sugeriu que as meias dos uniformes fossem pretas em vez de branca e todos concordaram. "Os costumes que nos ajudavam eram mantidos e os que nos atrapalhavam eram abolidos", afirma.

Outro costume nordestino também foi modificado por sugestão de uma amiga de Teresa, esposa de um deputado. "No Nordeste era costume tradicional vestir as meninas no final das tardes com saias rodadas e anáguas engomadas", conta. "Decidimos então passar a vesti-las com calças compridas e shorts", afirma.

Enquanto viviam aqui, mais sete filhos nasceram. Por coincidência, a época do parto sempre coincidia com o mês de férias, fazendo com que apenas dois nascessem aqui.

Com poucas opções de lazer na cidade, todas as brincadeiras das crianças eram inventadas e

vividas na quadra onde moravam, embaixo dos blocos, nas árvores que começavam a crescer ou nos imensos gramados. Certa vez, conta Teresa, tentaram proibir os jogos de futebol no gramado ao lado de sua quadra colocando guardas lá, que as crianças apelidaram de "graminhas".

Mas o clima de liberdade e democracia que o projeto de Brasília sugeria era difícil de ser quebrado. "Um dos meus filhos questionou a atitude do guarda dizendo que o projeto de Lucio Costa era fazer com que as crianças brincassem nos gramados e os jogos continuaram", revela. Teresa era cunhada de Maria Elisa Costa, filha do arquiteto, daí a proximidade da família com os ideais de Lucio Costa.

Armando exerceu ainda mais um mandato como deputado federal quando vivia em Brasília. Depois disso, tornou-se ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Teresa vive até hoje no apartamento da 206 Sul e é apaixonada pelo Distrito Federal. Seus 14 filhos também permanecem na cidade (um filho faleceu ainda bebê).

Raio X

Nome:

Teresa Sobral Rollemberg

Idade:

73 anos

Profissão:

Dona-de-casa

Origem:

Aracaju, Sergipe

Marido:

Armando Rollemberg (falecido)

Filhos:

Maria de Lourdes, Armando, Maria Edith, Carmem Teresa, José Eduardo, Ricardo, Rosa Clara, Rodrigo, Tereza Cristina, Isabela, André, Carlos Augusto, Antônio Carlos e Marisa Netos:

Pedro, Bruna, Marcos, Adriana, Áli, Marília, Mariana, João, Ana Beatriz, Léio, Manuela, Rafaela, Carolina, Renata, Luciana, Bruno, Patrícia, Armando Neto, Eduarda, Fernanda, Augusto, Paulo Henrique, Tiago, Maíra, Mateus, Lucas, Gabriela, Ícaro, Pedro Ivo, Liana, Clarissa, Janaina, Gabriel, Carlos Henrique, Rui, João Lucas, Marcela e Raiana.

Bisnetos:

Caetano e Lua

TODA VEZ QUE A DANI VAI À ESCOLA, ELA DÁ UM PASSO PARA RECEBER O RENDA MINHA E OUTRO PARA NÃO PRECISAR MAIS DELE.



A Dani sempre gostou de estudar, mas largou a escola quando a situação da sua família apertou. Hoje, graças ao **Renda Minha**, a Dani voltou a frequentar as aulas. E voltou com tudo. Ela sabe que, para receber a ajuda mensal de R\$ 45,00, material didático, uniforme, aulas de reforço, além das assistências médica, odontológica e nutricional, é preciso cumprir algumas obrigações. Entre elas: frequentar pelo menos 85% das aulas no mês, ir às aulas de reforço quando for indicada e comparecer às consultas marcadas pelos profissionais de saúde. Contrapartidas que a Dani segue à risca, porque um dia o Renda Minha pode acabar, mas o que ela aprende na escola é para sempre. Assim como a Dani, outras 105.000 crianças já foram beneficiadas pelo Renda Minha e voltaram a sonhar com o futuro.

RENDA MINHA E ESCOLA.

A BOLSA GARANTE O ESTUDO E O ESTUDO GARANTE A BOLSA.

